

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS RELAÇÕES FAMILIARES À DISTÂNCIA

Bruna Kowalski Fiamini

RA: 165050

Comunicação Social – Habilitação em Midialogia

Métodos e Técnicas de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos em Midialogia

Professor José Armando Valente

RESUMO

Diante das recentes mudanças na comunicação entre familiares à distância concebida pelos meios de comunicação e redes sociais, esse artigo busca investigar a forma como as redes sociais, principalmente o Facebook, são utilizadas para manter o contato entre estudantes universitários que moram em outra cidade e seus familiares, constatando se as mesmas aproximam ou afastam aqueles que as utilizam. Para isso, foi aplicado um questionário online a 26 membros do grupo do Facebook “Caronas Campinas – Mogi das Cruzes”, todos estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) ou da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) que moram longe da cidade de seus familiares (Mogi das Cruzes). A análise dos dados obtidos mostrou que, apesar do Facebook ser muito utilizado nesse processo, as ligações telefônicas ainda aparecem com grande expressividade. Além disso, as redes sociais que exigem um contato em tempo real, como é o caso do Skype, estão sendo deixadas de lado, dando espaço para meios de comunicação que permitem o envio de mensagens que podem ser respondidas mais tarde, como é o caso do Whatsapp.

PALAVRAS-CHAVE: Facebook; família; contato; estudantes universitários; privacidade.

ABSTRACT

Due to the recent changes in distance communication among relatives caused by the means of communication and social networks, this article intends to investigate the way social networks, mainly Facebook, are used to keep contact between college students that live in another city and their relatives, checking if they approach or separate the ones that use them. For that, an online questionnaire has been applied to 26 members of the Facebook group “Rides from Campinas to Mogi das Cruzes”, all students from “Universidade Estadual de Campinas” (UNICAMP) or “Pontifícia Universidade Católica de Campinas” (PUCCAMP) that live far from their relative’s city (Mogi das Cruzes). The analysis of the gathered information showed that, despite Facebook being used a lot in this process, phone calls still appear with large importance. Moreover, social networks which demands a live contact, such as Skype, are being forgotten, making room for means of communication that allows you to send messages which can be answered later, such as Whatsapp.

KEY-WORDS: Facebook; family; contact; college students; privacy.

INTRODUÇÃO

Meu nome é Bruna Kowalski Fiamini, nascida na cidade de Suzano (SP). Desde que me tornei aluna do curso de Comunicação Social com habilitação em Midialogia da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), deparei-me com a experiência de residir em Campinas, longe de amigos e familiares, para revê-los com menor frequência. Enquanto o reencontro não ocorria, as redes sociais, principalmente o Facebook, passaram a ter um papel fundamental na manutenção da comunicação com estes entes queridos, uma vez que as ligações telefônicas estão se tornando cada vez mais obsoletas devido ao surgimento de aplicativos para celulares que permitem a troca de mensagens e a realização de ligações telefônicas gratuitamente, tal como é o caso do Whatsapp.

A superficialidade dessa comunicação à distância, constatada também em relatos de conhecidos que passam pela mesma situação, levou-me a questionar qual o seu verdadeiro papel na vida daqueles que a utilizam, uma vez que, como as pessoas envolvidas nesse processo já se conhecem, a linguagem utilizada aparentemente possui como objetivo muito mais manter um canal de comunicação, mesmo que superficial, do que aprofundar as relações já existentes. Esse processo de manutenção da

comunicação foi definido pelo linguista russo Roman Jakobson como “função fática da linguagem”, retratado na obra de Samira Chalhub da seguinte maneira:

Se a mensagem centrar-se no contato, no suporte físico, no canal, a função será fática. O objetivo desse tipo de mensagem é testar o canal, é prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação, não no sentido de, efetivamente, informar significados. São repetições ritualizadas, quase ruídos, balbucios, gagueiras, cacoetes de comunicação (mesmo gestuais), fórmulas vazias, convenções sociais, de superfície, testando, assim, a própria comunicação. [...] As conversas ao telefone, monossilábicas, apenas afirmam estar o receptor ouvindo a mensagem. Se do outro lado da linha sobrevir o silêncio, aquele que fala, logo perguntará: “Alô, está me ouvindo?” Os comportamentos fáticos são compulsivos, repetitivos. (CHALHUB, 1990, p, 28-29)

Apesar de a função fática ser a linguagem monossilábica das falas telefônicas, saudações e similares, a mesma está atualmente sendo transferida para o plano das redes sociais, no qual novos tipos de relações humanas são estabelecidos atualmente. Antes, as redes sociais eram utilizadas principalmente para manter contato com velhos conhecidos, encontrar pessoas com interesses semelhantes e compartilhar informações sobre temas que igualmente as interessem, mas agora aparentemente as mesmas passaram a substituir as relações humanas estabelecidas pessoalmente. Assim como afirma Manuel Castells:

Não dizemos mais “te encontro no bar”; dizemos “te encontro no Messenger”, explica um jovem mexicano (Winocur, 2006: 516); mas é possível ouvir isso de espanhóis, argentinos e de jovens de outros países. (CASTELLS, et al, 2007).

Essas novas relações espaciais estabelecidas na contemporaneidade ganham uma dimensão ainda maior com a transferência das redes sociais dos computadores para os celulares, permitindo que os usuários carreguem seus interlocutores em seus respectivos bolsos e possam estabelecer comunicação à qualquer hora, em qualquer lugar que disponibilize conexão à Internet. Esse fenômeno é apontado por Néstor Garcia Canclini, que afirma que:

A comunicação digital, especialmente a de caráter móvel por meio dos celulares, proporciona, ao mesmo tempo, interação interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas. O caráter multimodal da comunicação sem fio modifica as formas, antes separadas, de consumo e interação, ao combiná-las num mesmo aparelho: o celular permite marcar compromissos presenciais, substituí-los, mandar emails ou mensagens instantâneas, lê-los ou ouvi-los, conectar-se com informação e diversão em textos e imagens, arquivar ou eliminar a história dos encontros pessoais. (CANCLINI, 2008, p. 52).

Entretanto, as relações via web, como por exemplo aquelas que ocorrem por meio das redes sociais, ao eliminarem o caráter físico do contato entre as pessoas, acabam omitindo vários detalhes presenciados apenas com a convivência real, levando seus usuários a se comunicarem com uma imagem idealizada da pessoa com quem estão se relacionando, tal como apontado por Eva Illouz;

A Internet dificulta muito mais um dos componentes centrais da sociabilidade, qual seja, a nossa capacidade de negociar com nós mesmos, continuamente, os termos em que nos dispomos a estabelecer relações com os outros [...] A Internet proporciona um tipo de conhecimento que, por estar desinserido e desvinculado de um conhecimento contextual e prático da outra pessoa, não pode ser usado para compreendê-la como um todo (ILLOUZ, 2011, p. 141-149).

Um exemplo desse fenômeno pode ser observado no primeiro episódio da segunda temporada da série de televisão britânica “Black Mirror” (BLACK MIRROR, 2013), intitulado “*Be Right Back*”. No episódio, o personagem Ash (Domhnall Gleeson), viciado em tecnologia, morre num acidente de trânsito devido à distração gerada pela mesma. A morte de Ash leva Martha (Hayley Atwell), sua namorada, a testar um novo serviço que permite interagir com um perfil virtual do ente falecido criado com base em suas publicações nas redes sociais. Uma atualização desse serviço consiste na confecção de um robô com a mesma aparência e voz de Ash, cuja personalidade é esse mesmo perfil virtual baseado nas redes sociais.

Num determinado momento do episódio, após várias situações em que fica claro que o robô é incapaz de reproduzir a essência humana do falecido personagem, Martha pede a ele para que se jogue de um precipício a fim de acabar com os problemas que o robô a trouxe. Ele aceita a ordem e diz que vai pular, o que deixa Martha ainda mais furiosa, pois o verdadeiro Ash jamais faria isso, já que ficaria com muito medo. Essa passagem retrata o abismo entre a essência humana e aquilo que é representado nas redes sociais: assim como Ash gerou um robô com um perfil virtual sem medos por não citá-los publicamente nas redes sociais, todos nós omitimos detalhes íntimos de nossas vidas na web, e pior que isso: criamos perfis com características que não condizem com a realidade.

Quando a comunicação pelas redes sociais, antes utilizada predominantemente por pessoas que não se conheciam, é transferida a relações mais íntimas, como as familiares, a desterritorialização gerada pelo processo é intensificada quando estes entes se vêem com menor frequência. Isto pode ser extremamente prejudicial no caso de estudantes universitários que se relacionam com seus familiares dessa maneira, principalmente numa fase de descobertas e novas experiências proporcionadas pela vida acadêmica, na qual a presença da família seria fundamental.

O perfil virtual criado pelo estudante universitário nas redes sociais, ao ser observado pelos pais ou responsáveis pelo mesmo, leva a falsas interpretações a respeito de sua vida pessoal e acadêmica, principalmente quando eles possuem uma interação pessoal menos frequente devido à distância. No caso do Facebook, ferramentas interativas como curtir e comentar essas publicações são uma maneira de aceitar de forma inconsequente o falso perfil criado, o que leva os pais ou responsáveis a acreditarem que sabem o que está se passando na vida de seus filhos, tornando a comunicação entre eles ainda menos frequente.

Diante desses dados e das recentes mudanças na comunicação entre familiares à distância concebida pelos meios de comunicação e redes sociais, esse artigo possui como objetivo principal investigar e compreender a forma como as redes sociais, principalmente o Facebook, são utilizadas para manter o contato entre estudantes universitários que moram em outra cidade e seus familiares, constatando se as mesmas aproximam ou afastam aqueles que as utilizam.

No caso do uso do Facebook, investigar quais de seus recursos (bate-papo, comentários em fotos e publicações, conversas por *webcam*) são mais utilizados nesse processo, para constatar se os estudantes e familiares em questão consideram a interação via Facebook invasiva ou prejudicial quanto à privacidade. Para isso, é preciso relacionar o uso das redes sociais com os meios de comunicação tradicionais, a fim de constatar se as mesmas estão substituindo as ligações telefônicas e tornando-as cada vez mais obsoletas. Com esses dados, pretendo concluir o que poderia ser feito para tornar essa interação mais dinâmica e efetiva.

METODOLOGIA

Minha pesquisa se trata de um estudo de campo com caráter quantitativo, sendo baseada na análise de dados provenientes de um questionário online divulgado no grupo do Facebook “Caronas Campinas – Mogi das Cruzes”, composto por 50 membros, todos estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) ou da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) que moram longe da cidade de seus familiares (Mogi das Cruzes) e utilizam o grupo a fim de buscar caronas para retornar para lá.

Antes de iniciar de fato a elaboração do artigo, realizei uma pesquisa bibliográfica e webliográfica a respeito do tema, encontrando informações pertinentes em livros, artigos científicos e séries de televisão. Esse procedimento foi essencial na busca do conhecimento necessário para desenvolver argumentos convincentes acerca dos dados obtidos na pesquisa.

O próximo passo foi determinar a amostra para responder ao questionário. Apesar do grupo do Facebook ser composto por 50 pessoas, nem todos os membros são ativos, o que inviabilizaria sua inclusão na população a ser analisada. Considerando que as publicações mais recentes do grupo são visualizadas por uma média de 36 pessoas (membros ativos no grupo), a amostra calculada foi de 26 alunos. Esse valor foi obtido pela equação proposta no livro “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social” (GIL, 1999), utilizando 1 como desvio padrão, considerando que pelo menos metade (50%) dos alunos pudesse fornecer informações relevantes e definindo como erro máximo permitido 5%. O questionário também foi aplicado a 10 pais de estudantes universitários para comparar suas respostas.

Em seguida, desenvolvi o questionário com o aplicativo online “Survio”, buscando realizar perguntas pontuais do tipo teste para facilitar tanto a sua aplicação quanto a análise dos dados. Antes de ser aplicado, ele foi testado com dez estudantes universitários da mesma faixa de idade que moram longe dos familiares e a dois pais, a fim de encontrar possíveis ambiguidades, erros e perguntas problemáticas. Depois de testado e corrigido, o questionário final foi aplicado à população selecionada previamente via Facebook. Ele é composto por um cabeçalho de identificação da pessoa (nome, idade, se é estudante universitário ou pai/responsável e há quanto tempo mora fora) e por quatro perguntas referentes ao tema, que foram analisadas na pesquisa a fim de se tentar alcançar os objetivos pré-estabelecidos, traçando um perfil da população em questão.

Após a coleta dos dados, os resultados dos questionários foram organizados em gráficos e tabelas com o auxílio de ferramentas do programa Microsoft Word para melhor ilustrá-los. Procurei fazer um gráfico por pergunta, comparando as respostas do grupo de estudantes universitários com o de pais ou responsáveis, a fim de facilitar tanto a minha compreensão dos dados quanto a visualização dos mesmos para aqueles que vierem a ler este artigo.

Por fim, comparei os resultados obtidos com as minhas expectativas no início da realização do projeto e os conhecimentos obtidos por meio da pesquisa bibliográfica e webliográfica. Como resultado de todos os procedimentos, tem-se o artigo em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira pergunta, pedia-se para que a pessoa classificasse numa escala de 1 a 3 (sendo 1=nunca, 2=às vezes e 3=muito frequentemente), com qual frequência ela utilizava cada meio de comunicação em questão (Ligações telefônicas, mensagens de texto SMS, Whatsapp ou aplicativos similares, Facebook, Skype ou outro meio de comunicação por vídeo e email) para se comunicar à distância com seus familiares. O resultado obtido quando o questionário foi aplicado ao grupo de 26 estudantes universitários é apresentado na Figura 1.

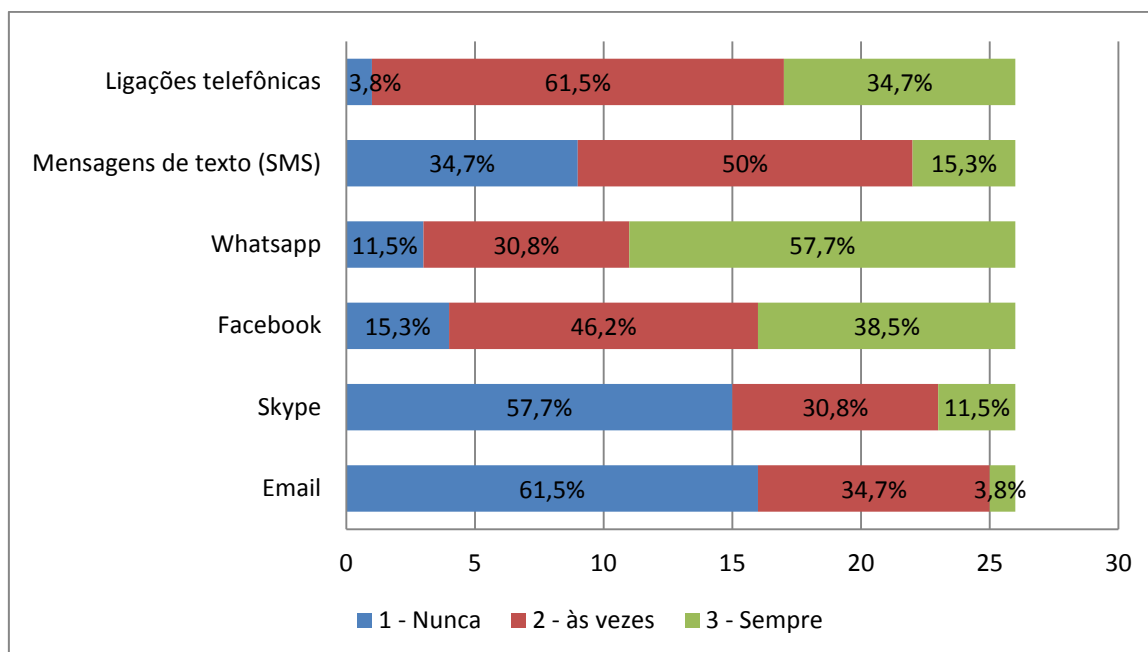


Figura 1: Respostas da primeira pergunta quando aplicada ao grupo de estudantes universitários

Na figura 1, observa-se que as ligações telefônicas ainda são o meio de comunicação mais utilizado, entretanto, o Whatsapp apresentou maior resultado quanto ao uso muito frequente, seguido pelo Facebook, o que foi contra minhas expectativas, foi esperava que o Facebook e o Whatsapp fossem superar as ligações telefônicas. Mesmo assim, os resultados apontam que o uso das redes sociais não faz com que as ligações telefônicas sejam deixadas de lado, sendo que apenas um entrevistado afirmou não utilizá-las mais. O Skype, meio de comunicação por vídeo considerado por muitos como o mais interativo, é muito pouco utilizado, sendo que 15 dos 26 entrevistados (57,7%) nem o utilizam. Já o Email encontra-se praticamente obsoleto. Os resultados da primeira pergunta com o grupo de 10 pais ou responsáveis, apresentados na figura 2, foi bem semelhante ao de estudantes universitários.

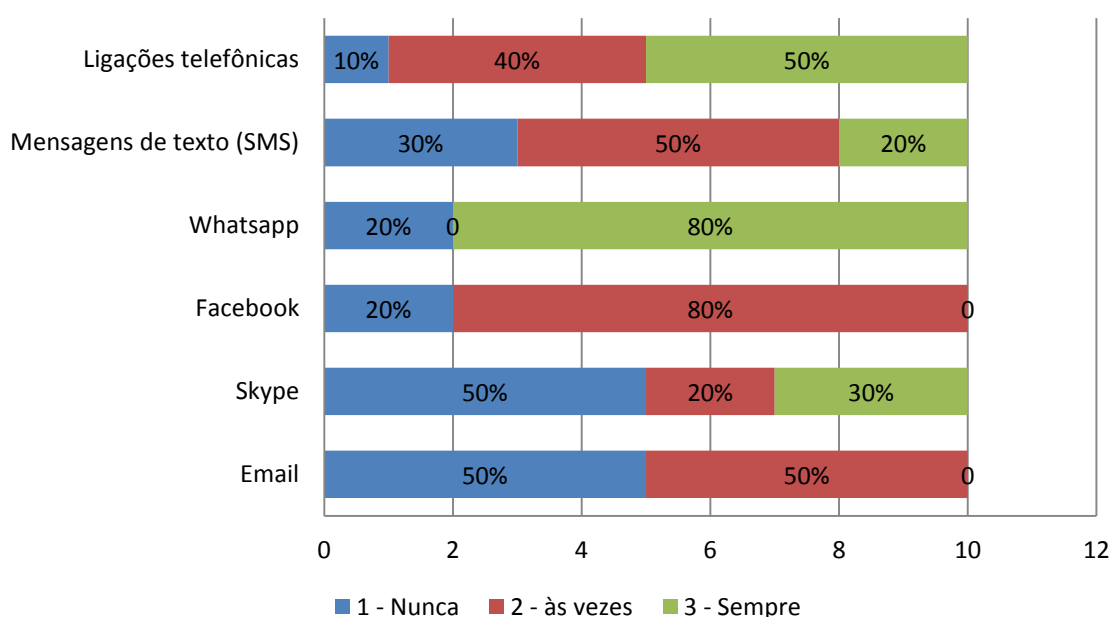


Figura 2: Respostas da primeira pergunta quando aplicada ao grupo de pais ou responsáveis

A Figura 2 demonstra que, quanto ao uso dos meios de comunicação, os resultados obtidos em ambos os grupos foi bem semelhante: as ligações telefônicas e o Whatsapp são os mais utilizados. Uma diferença crucial foi o fato de nenhum pai ou responsável utilizar o Facebook muito frequentemente para se comunicar com seus filhos: 80% deles afirmam utilizá-lo às vezes, o que foi uma surpresa para mim. Esperava que o Facebook fosse utilizado com mais frequência para essa interação. Nesse grupo o email não está tão obsoleto assim, sendo usado por metade dos entrevistados.

Como o foco de minha pesquisa era a forma como o Facebook era utilizado para manter o contato entre os familiares em questão, a segunda pergunta foi justamente quais de seus recursos eram usados na comunicação à distância, sendo possível escolher mais de uma alternativa. Esta pergunta não era obrigatória, portanto aqueles que não utilizassem o Facebook com frequência para se comunicar com seus familiares poderiam deixar a resposta em branco. O resultado da pergunta quando aplicada ao grupo de estudantes universitários é exibido na figura 3.

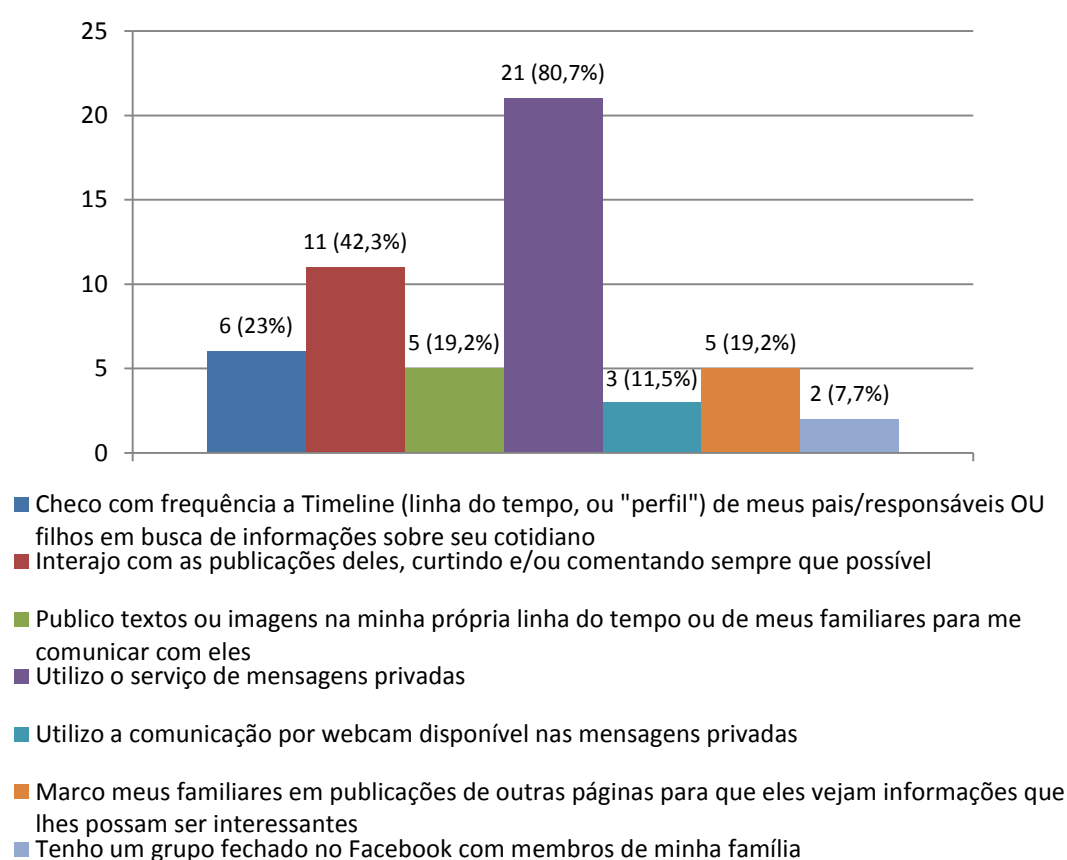


Figura 3: Respostas da segunda pergunta quando aplicada ao grupo de estudantes universitários

Como esperado, a figura 3 mostra que o grupo de estudantes universitários prefere se comunicar com a família de modo mais discreto, por meio do serviço de mensagens privadas, pois quase todos eles (21 de 26, 80,7% do total) incluíram essa opção em sua resposta. Interações mais explícitas, como curtir e comentar as publicações dos familiares e publicar textos para se comunicar com eles, aparecem com menor expressividade talvez devido a essa mesma preocupação com a privacidade ou até mesmo por certo constrangimento com a interação familiar em público.

A comunicação por webcam disponível nas mensagens privadas também aparece com pouca expressividade, assim como o Skype na pergunta 1, que também é um meio de comunicação por

vídeo. Acredito que isso ocorra pelo fato de ser uma interação em tempo real, que exige a presença daqueles que se comunicam e a dedicação exclusiva a seu interlocutor. Talvez por isso haja a preferência pelas mensagens privadas, que podem ser enviadas sem que o destinatário esteja presente, podendo ser respondidas mais tarde. Esse fenômeno é um dos reflexos da sociedade contemporânea, na qual o ritmo de vida cada vez mais acelerado desterritorializa cada vez mais as relações humanas, principalmente aquelas à distância.

A mesma pergunta apresentou algumas divergências quando aplicada ao grupo de pais ou responsáveis, mesmo não sendo respondida por 3 pais que não possuem Facebook ou que não o utilizam na comunicação familiar à distância. Tais dados são exibidos na Figura 4.

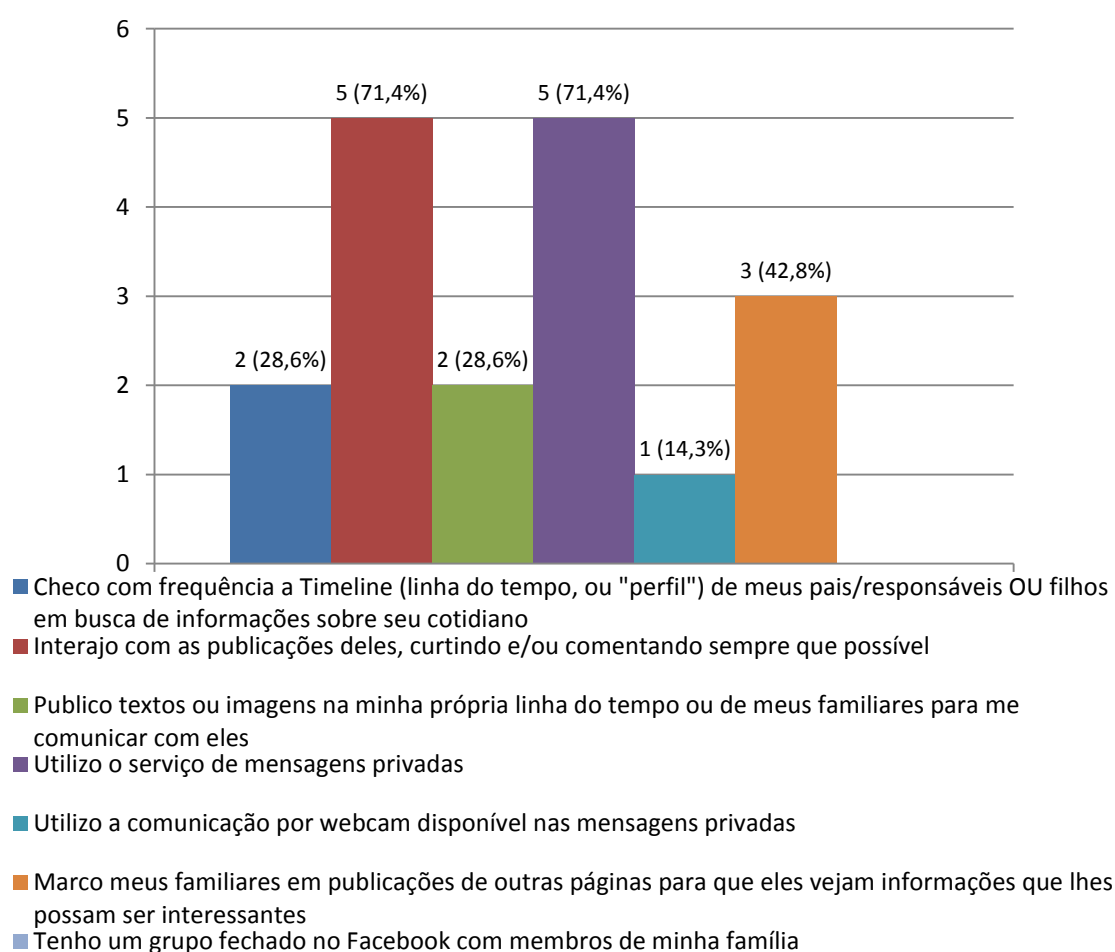


Figura 4: Respostas da segunda pergunta quando aplicada ao grupo de pais ou responsáveis

De acordo com a Figura 4, o grupo de pais ou responsáveis se comportou da mesma maneira que o de estudantes universitários quanto ao uso das mensagens privadas, aparecendo com grande expressividade. Entretanto, outras interações mais explícitas, como curtir e comentar as publicações de familiares aparecem com a mesma frequência do uso das mensagens privadas, o que demonstra que esse grupo apresenta uma preocupação menor quanto à privacidade no uso do Facebook. Acredito que isso ocorra por eles desconhecerem os riscos de se expor na rede social ou pelo desejo de demonstrar proximidade ao universo do filho, interagindo com os detalhes de sua vida compartilhados em rede, devido à falta de tempo para se comunicar com meios de interação em tempo real como o Skype e as ligações telefônicas.

Essa era justamente uma de minhas convicções antes da realização do artigo, e que eu viria a contestar mais tarde: a obsolescência das ligações telefônicas em função da comunicação por meio das redes sociais. Mesmo com os resultados expressivos do uso de ligações telefônicas na pergunta 1, a pergunta 3 teve como foco se os entrevistados acreditavam que as redes sociais estariam substituindo-as na sua comunicação familiar à distância. O resultado desse questionamento para o grupo de estudantes universitários é exibido na figura 5.

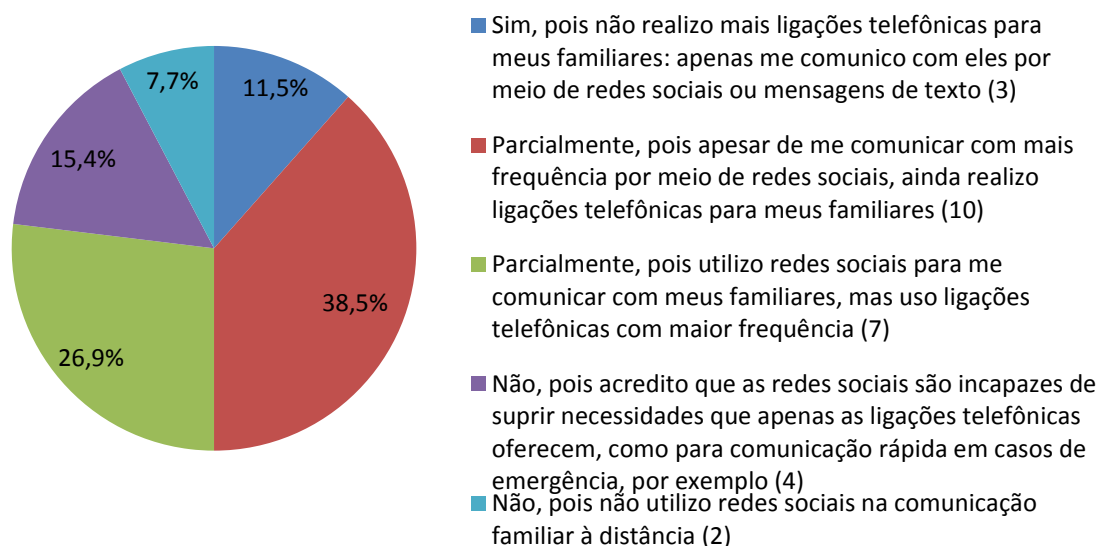


Figura 5: Respostas da terceira pergunta quando aplicada ao grupo de estudantes universitários

A Figura 5 contesta parcialmente minha crença de que as redes sociais estariam substituindo as ligações telefônicas: a maioria dos estudantes (10 entrevistados, 38,5% do total) afirma que apesar de se comunicar com maior frequência por meio das primeiras, ainda utilizam as segundas. Apenas 3 entrevistados (11,5% do total) afirmam não utilizarem mais ligações telefônicas, o que aponta para o início desse processo. Com o segundo grupo os resultados foram bem semelhantes:

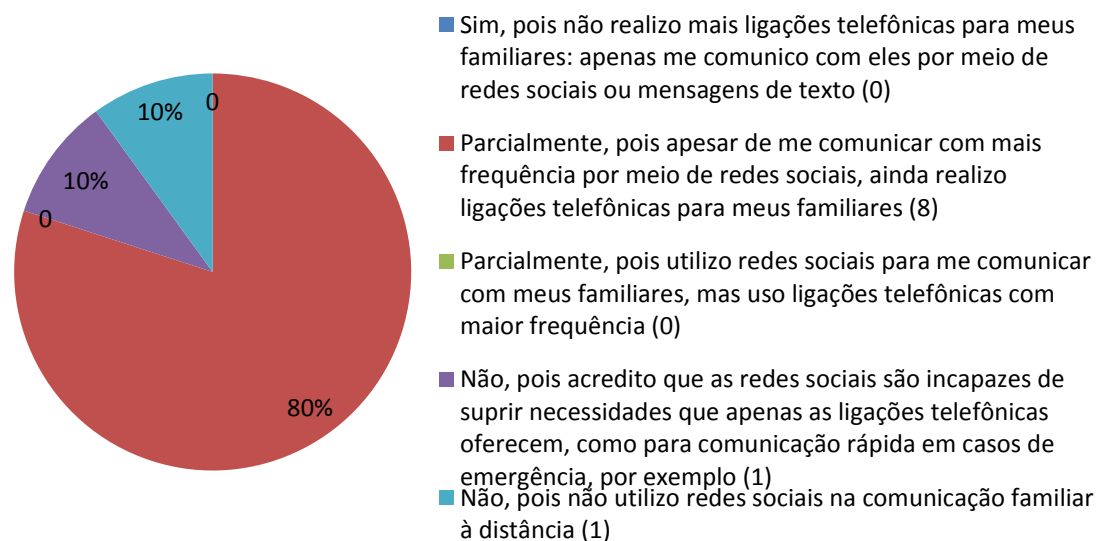


Figura 6: Respostas da terceira pergunta quando aplicada ao grupo de pais ou responsáveis

A maioria dos entrevistados (8 de 10, 80% do total) também afirmou que ainda utiliza ligações telefônicas apesar de usar redes sociais com maior frequência. As redes sociais acabam sendo mais utilizadas por uma questão de praticidade, deixando as ligações para casos que exigem comunicação imediata, como situações de emergência, o que demonstra que elas são incapazes de substituir os telefonemas em certos aspectos.

Para questionar a eficiência das redes sociais nesse processo, a pergunta 4 era se os alunos consideravam a comunicação familiar por meio de redes sociais prejudicial ou invasiva no que diz respeito à privacidade. O resultado é exibido na figura 7.

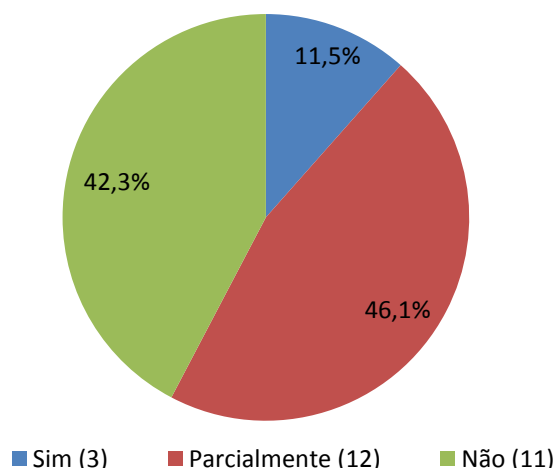


Figura 7: Respostas da quarta pergunta quando aplicada ao grupo de estudantes universitários

A figura 7 mostra que os estudantes ficaram bem divididos quanto às respostas “parcialmente” e “não”. A pergunta dava a possibilidade de escrever uma justificativa opcional logo abaixo da resposta. Muitos estudantes que responderam “parcialmente” afirmaram na justificativa que há risco para a privacidade quando os familiares não tem noção de seus limites, interagindo com publicações destinadas a outro público. Na justificativa para o “não”, houve casos de entrevistados que afirmaram que as redes sociais melhoraram a interação familiar, tornando-a mais frequente. Os resultados com os pais e familiares divergiram um pouco quanto à resposta “não”, como mostra a Figura 8.

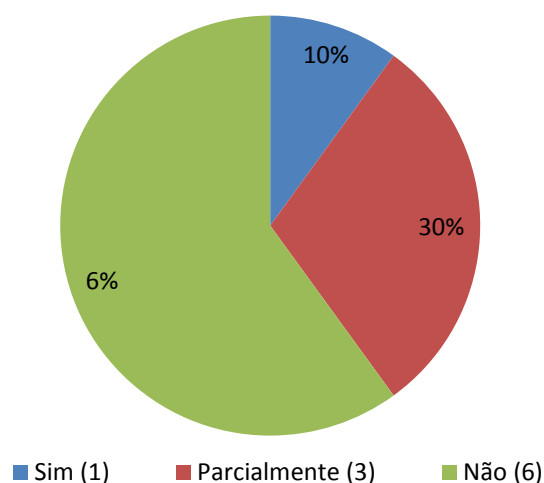


Figura 8: Respostas da quarta pergunta quando aplicada ao grupo de pais ou responsáveis

De acordo com a Figura 8, há uma proporção maior de pais e responsáveis que acredita que a comunicação por meio de redes sociais não é invasiva quanto à privacidade em comparação ao número de estudantes universitários. Novamente, isso pode ser explicado pelo desconhecimento dos riscos de se expor demasiadamente na web ou pela falta de diálogo entre os familiares, fazendo com que eles não saibam se determinadas atitudes nas redes sociais são consideradas invasivas pelo outro.

No geral, os resultados da pesquisa com ambos os grupos apresentou resultados bem semelhantes, divergindo apenas em alguns pontos que caracterizam justamente os traços típicos da ideologia de cada grupo, principalmente no que diz respeito à noção de “privacidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados que encontrei com a realização do questionário me surpreenderam quanto ao uso do Facebook, pois eu imaginava que ele era muito mais utilizado na comunicação entre os dois grupos analisados. Aplicativos de mensagens gratuitas, como o Whatsapp, estão ganhando cada vez mais espaço devido ao baixo custo e à praticidade no envio de mensagens, que podem ser lidas e respondidas mais tarde.

Apesar de serem muito utilizadas, as redes sociais não estão substituindo as ligações telefônicas, pois há aspectos das mesmas, como a comunicação instantânea e a possibilidade do uso em casos de emergência, que as redes sociais são incapazes de suprir. Entretanto, a atualização do Whatsapp que permite a realização de telefonemas gratuitos no aplicativo pode mudar esse quadro.

Acredito que este artigo não respondeu totalmente à questão de como melhorar a comunicação familiar à distância por meio das redes sociais, pois o tema exige um estudo muito mais aprofundado e que pode continuar a ser estudado em futuras pesquisas, principalmente na investigação de maneiras de como aumentar a privacidade e a segurança na comunicação via web.

A privacidade não está atrelada apenas ao controle da exibição de detalhes pessoais de acordo com conceitos sociais pré-estabelecidos: sua preservação depende também daquilo que cada indivíduo considera como sendo invasivo ou não. Portanto, o diálogo entre familiares nas redes sociais deve incluir, além da manutenção da comunicação por meio da função fática da linguagem, a determinação de limites para seu uso, a fim de tornar essa interação mais dinâmica e efetiva.

REFERÊNCIAS

BLACK MIRROR. Direção: Otto Bathurst; Euros Lyn, Brian Welsh; e outros. Produção: Charlie Brooker, Annabel Jones, Emma Pike; e outros. Episódio: *Be Right Back*. IN: Black Mirror. Direção: Owen Harris. Produção: Charlie Brooker. Endemol, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo, SP: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, Manuel; et al. *Comunicación móvil y sociedad, una perspectiva global*. Espanha: Ariel-Fundación Telefónica, 2007.

CHALHUB, Samira. *Funções da Linguagem*. São Paulo, SP: Ática, 1990.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, SP: Atlas S.A., 1999.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2011.